

# Divergências adiam Seminário de Cultura

Maria do Rosário Caetano

Ceilândia presenciou, na manhã de ontem, embate entre o Movimento Cultural e o Movimento Comunitário, que acabou gerando a suspensão do Seminário de Cultura local, promovido pela Secretaria de Cultura e Administração Regional.

Os ânimos chegaram a tal ponto de exaltação, que o secretário de Cultura, Márcio Cotrim, propôs que se transferisse ao Conselho de Cultura do DF, organismo de representação paritária Governo/Comunidade, a responsabilidade de se definir os critérios que vão reger a eleição do representante de Ceilândia na Secretaria de Cultura e Esportes. Este representante se integrará a um elenco de 13 eleitos em seminários regionais no Plano Piloto, Samambaia, Vila Paranoá, Taguatinga, Vila Planalto, Cruzeiro, Núcleo Bandeirante, Sobradinho, Planaltina, Guará, Gama e Brazlândia (estas duas satélites já promoveram, em clima de entendimento, seu Seminário de Cultura e elegeram seus representantes).

## Confronto

Os desentendimentos entre o Movimento Cultural e o Movimento Comunitário transformaram o auditório do CET (Centro de Educação para o Trabalho), em Guariboba, num palco de acusações.

José Humberto Caixeta, prefeito da QNQ, acusou os artistas de Ceilândia de "baderneiros". Este segmento se fez representar no auditório pelos atores do Grupoearia Nem Beira (que no início dos trabalhos mostrou o espetáculo Os Saltimbancos, de Chico Buarque), por grupos de teatro de bonecos, músicos, artistas plásticos e roqueiros (dois integrantes da Banda Prolétários de Havana, Rogério Ramos e Francisco Adriano, levaram suas



Grupoeira mostra os Saltimbancos antes do início do seminário

guitarras para provar que eram artistas não-catalogados e, por isto, impedidos de votar). Caixeta lamentou que "a comissão organizadora do Seminário tivesse rachado nos entendimentos finais, na noite da última sexta-feira". Exaltado, ele acusou "o PT de querer transformar, através de alguns artistas, o Seminário num movimento político".

Damião, outro líder comunitá-

rio, iniciou sua intervenção dizendo que já havia presenciado seminários de Trânsito, Educação, Saúde, etc", e nunca vira "tamanha baderna".

"Sou nordestino, bradou, e nunca vi cultura tão defasada quanto esta. Nunca vi seminário deste jeito. Nem a programação chegou às nossas mãos. Vou me retirar, pois o que estou vendo aqui é



Cotrim deixa seminário por causa do clima "passionalizado"

um bando de jumentos", disse Damião.

Os representantes do Movimento Cultural, liderados pelo diretor teatral Chico Morbeck, se revezaram no microfone com propostas de revisão do regimento interno e reabertura do processo de cadastramento de eleitores, já que muitos artistas de Ceilândia não estavam registrados no Censo Cultural, coordenado pela Secretaria

de Cultura e Esporte, e ampliado com a adesão de associações comunitárias (registradas há mais de 90 dias).

## Vaias

Quando o clima pesou com vaias dos dois lados (praticamente impedindo que se ouvisse discursos e propostas), Márcio Cotrim, que acompanhava em silêncio os trabalhos, pediu a palavra. Disse "ser impossível realizar qualquer dis-

cussão conceitual em clima tão passionalizado", e que, por isto, transferiria para o Conselho de Cultura do DF "a tarefa de definir os critérios capazes de embasar o regimento interno do Seminário de Ceilândia". E que "o Seminário aconteceria em data a ser marcada, quando os critérios estiverem definidos e os ânimos serenados".

Enquanto os representantes do Movimento Cultural aplaudiam a proposta, o administrador regional, Paulo Alceu, se levantou da mesa, contrariado, e saiu do auditório do CET. Já com a serenidade recobrada, ele justificou sua atitude: "Aqui em Ceilândia, queremos que os trabalhos sejam levados em conjunto, pela área comunitária e cultural. Não queremos que os projetos culturais atinjam apenas uma classe elitizada. Estou me retirando porque tenho compromisso inadiável". E arrematou: Se soubermos que não haveria um clima ordeiro, propício ao diálogo, nem teríamos vindo. Afinal, sou representante do GDF na Ceilândia e não quero entrar em brigas rancorosas e partidárias".

Chico Morbeck, do Movimento Cultural, lamentou que "as lideranças comunitárias presentes — que apoiaram Joaquim Roriz — só entendessem os movimentos de oposição como políticos". E finalizou: "Todos nós presentes aqui neste auditório somos seres políticos. Daí a necessidade de termos como princípio uma concepção suprapartidária do processo cultural. Não defendemos, em momento algum, sua instrumentalização, seja por qual partido for".

Como as lideranças comunitárias se retiraram do auditório do CET, os artistas chegaram ao entendimento de que deviam continuar debatendo as questões culturais de Ceilândia, numa reunião sem poder deliberativo e eleitoral.

JORNAL DE BRASÍLIA

Fotos: Dida Sampaio